



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

## O Aprender em Nietzsche<sup>1</sup>

Maria dos Remédios de Brito

Universidade Federal do Pará

E-mail: mrdbrito@hotmail.com; mrb@ufpa.br

### Resumo

Os leitores de Nietzsche podem não encontrar reflexões sobre o aprender na mesma medida que se encontram sobre a educação e a cultura, as quais se destacam desde os seus primeiros escritos juvenis. Porém, não se pode negar que o aprender assume importância em seu trabalho filosófico, e o mesmo não aparece como um conceito preciso e acabado. Ele passa engendrado pela formação, remetendo a uma certa tipologia do homem seletivo, aquele que se torna senhor de si, no esforço prático para dominar e selecionar certas forças, ao mesmo tempo que tensiona a questão por meio da crítica aos estabelecimentos de ensino alemão, que negligenciavam interesses pelo aprendizado envolvido pela ideia de superação de si, pois tais estabelecimentos de ensino já não tinham educadores para este ensinamento, pois estavam muito mais ligados ao saber instrumentalizado. A obra que tomaremos como guia de trabalho é *Crepúsculo dos Ídolos*, de 1888, onde Nietzsche convoca os educadores a educarem a si mesmo, como ação fundamental para o trabalho formativo com o outro, o que nos permite afirmar que esse autor sempre manteve presente essa intuição em variação na sua filosofia da educação. Esse exercício de escrita está tomado muito mais por uma inspiração, por uma intuição ou por um certo *pathos* de leitura, o que nos permite afirmar, que não é uma questão de realizar uma interpretação correta sobre a temática em Nietzsche, mas a partir dele fazer deslocamentos, pois o interesse é pensar com Nietzsche e não sobre Nietzsche.

*Palavras-chave:* Nietzsche; Aprender.

---

<sup>1</sup> Parte desse texto apresentado na sociedade Latino americana de Filosofia da Educação, 2023, em Bogotá-Colômbia foi publicado, porém sofreu outras modificações a partir de um novo redimensionamento interpretativo, conduzindo a construção de uma nova hipótese de investigação. Dessa forma, o texto final foi direcionado para constar nas memórias do evento.



### *Abstract*

Nietzsche's readers may not find reflections on learning to the same extent as they do on education and culture, which stand out from his early youthful writings. However, it cannot be denied that learning assumes importance in his philosophical work, and it does not appear as a precise and finished concept. It is engendered by training, referring to a certain typology of the selective man, one who becomes master of himself, in the practical effort to dominate and select certain forces, at the same time that tensions the issue through criticism of German educational establishments, who neglected interests in learning, involved in the idea of overcoming themselves, as such educational establishments no longer had educators for this teaching, as they were much more linked to instrumentalized knowledge. The work that we will take as a working guide is *Twilight of the Idols*, from 1888, in which Nietzsche calls on educators to educate themselves, as a fundamental action for formative work with others, which allows us to affirm that this author always kept in mind this intuition in variation in his philosophy of education. This writing exercise is taken much more by an inspiration, by an intuition or by a certain reading pathos, which allows us to affirm that it is not a question of making a correct interpretation of the theme in Nietzsche, but based on it, making shifts, because the interest is to think with Nietzsche and not about Nietzsche.

*Key words:* Nietzsche; learn.

### *Resumen*

Es posible que los lectores de Nietzsche no encuentren reflexiones sobre el aprendizaje en la misma medida que las que encuentran sobre la educación y la cultura, que se destacan en sus primeros escritos juveniles. Sin embargo, no se puede negar que el aprendizaje cobra importancia en su obra filosófica, y no aparece como un concepto preciso y acabado. Se engendra por el entrenamiento, remitiendo a una determinada tipología del hombre selectivo, el que muchas veces se debe a sí mismo, en el esfuerzo práctico de dominar y seleccionar ciertas fortalezas, al mismo tiempo que tensiona el cuestionamiento a través de la crítica de los establecimientos alemanes. las instituciones educativas, cuyos intereses desatendidos por el



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

aprendizaje están implicados en la idea de superación del mismo, razón por la cual los establecimientos educativos no dependían de los educadores para esta enseñanza, sino que estaban mucho más vinculados al conocimiento instrumentalizado. La obra que tomaremos como guía de trabajo es *El crepúsculo de los ídolos*, de 1888, donde Nietzsche convoca a los educadores a educarte tú mismo, como acción fundamental para el trabajo formativo con los demás, lo que nos permite afirmar que este autor siempre mantuvo esta idea. en mente, la intuición en variación en su filosofía de la educación. Este ejercicio de escritura se realiza mucho más por una inspiración, por una intuición o por un cierto *pathos* de lectura, lo que nos permite afirmar que no se trata de hacer una interpretación correcta del tema en Nietzsche, sino de hacer desplazamientos a partir de él, porque el interés es pensar con Nietzsche y no sobre Nietzsche.

*Palabras clave:* Nietzsche; Aprender



## I

Os temas educação, cultura (*Kultur*) e formação (*Bildung*) aparecem ora como formação cultural, ora como formação institucional, e atravessam o pensamento filosófico de Nietzsche, assumindo diferentes movimentos no seu pensamento, mas nunca posto efetivamente de lado, ou sem interesse, mas em suspeita crítica. Essas preocupações aparecem primeiramente por inspiração do homem grego, depois dos romances de formação dos românticos alemães, ou mesmo de inspiração humanísticas (MARTON, 2022). Nas conferências de 1872, *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de formação*, sabendo naquele momento que a Alemanha passava por certas transformações em que o papel da cultura e da formação estava sendo abalado, pois aos poucos eram convocadas a tomar certos interesses para além de uma formação (*Bildung*) humanista, e intimadas à emergência do tempo presente, tempo este interessado na rapidez e nos processos educativos massificados. Nessas palestras juvenis, não concluídas, Nietzsche tinha como objetivo convocar o espírito alemão para pensar a formação (*Bildung*) em seu aspecto mais genuíno, mais humano, quando ali apontava claramente para o diagnóstico de uma crise na cultura e na educação (MARTON, 2022). Sua preocupação iminente passava pela a ideia de um tipo de homem que estava sendo urgido pelos estabelecimentos de ensino da sua época e nos conduz a pensar uma educação contra o seu tempo, para além do seu tempo.

## II

É possível encontrar na obra *Schopenhauer como Educador*, um personagem instigante, que se destaca logo nas primeiras páginas, o Viajante, esse tipo atento, esse conhecedor de mundos, países e povos distintos, que reconhece que há uma propensão de um tipo de homem que vigora na cultura, aquela figura imersa na preguiça, sem forças e sem comando, que se esconde nas opiniões e nos costumes, que anda incrustada pelo comodismo e pelos hábitos se torna massificada, servindo como elemento fácil a ser manipulado pelo jogo de serialização fabricada no campo mercantil, sendo, portanto, uma figura despojada de si mesma, de sua própria capacidade de se autodeterminar como senhor de si. O Viajante nos alerta para essa tendência grosseira que se instala na sociedade alemã, esse homem manso e domesticado. Essa



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

tipologia passa pela configuração cultural, mas também é engendrada pelos estabelecimentos de ensino quando deseja o ser erudito, o comerciante ou o funcionário do estado, que não ousa pensar e muito menos criticar para transformar.

Nietzsche é um crítico da cultura e das instituições do seu tempo – quando estas ainda estão mantidas sob os valores mercadológicos – é possível dizer que esse autor é um dos principais a pensar a formação para além dos aportes facilitadores, estreitos, sem compromisso com a força espiritual, sem o cultivo de si como capacidade de criar para si seus próprios valores, que sejam capazes de se auto conduzir por si mesmo, sem que possam ser carregados por outros. Nietzsche, ao seu modo, deflagra que a cultura moderna, assim como formação nos estabelecimentos de ensino, sustenta-se pelo modelo da boa consciência, do bom e eficiente cidadão, sendo este moral e civilizado, que busca a sua felicidade nas realizações imediatas. Essa parece ser a crítica do Viajante, pois ao mesmo tempo que o personagem assume as vestes do homem livre, nega o homem gregário. Ele é essa tipologia que se assume como o senhor de si, mas que ainda é uma presença do por vir. O personagem, nesse contexto, remete àquilo que não se tem, mas que se pode pensar ou ter como um esforço para a sua presença, ainda que não se faça modelo, pois não há certeza de uma chegada. Ainda que a cultura possa ser campo de abertura de formação para este homem, ela promove domesticação, produz os mecanismos de empobrecimentos do homem pelas vias das instituições, da moral, da lei, dos costumes, dos estabelecimentos de ensino. De toda forma, somente pelo trabalho rigoroso operado sobre si mesmo, como um adestrar para selecionar, pode emergir uma outra tipologia que seja capaz de enfrentar a si mesmo, e esgarçar-se, pois como diz Nietzsche, “Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida...” (NIETZSCHE; SE, 1)

O que Nietzsche nos oferece é um corpo afetado, seletivo, atravessado pela emoção, pelas forças do mundo, pela carne, pelo sangue, pela linguagem. Um homem que acolhe suas potências afirmativas, que se exprime sem medo, por meio de um esforço disciplinar, tomado pela criação, pela força da criança e do devir. Esse tipo forte e livre, arranca da vida e de si mesmo as forças fundamentais para produzir um outro jeito, novamente de outra maneira, de outra forma, fazendo de si mesmo um criador.

O Viajante é essa figura que se coloca em permanente alerta contra o seu tempo, como forma de não perder a si mesmo, estando presente, mas ao mesmo tempo buscando um certo afastamento. Ora, nada disso passa por uma cristalização do saber, ao contrário, atravessa um



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

não saber, que permite exercitar a coragem para aquilo que seria o fundamental, o próprio gênio, a capacidade crítica, o uso do pensamento radical, furando assim a repetição do mesmo. Isso de modo algum é estar isolado das coisas, dos valores, da cultura, das instituições, como diz Nietzsche, “ tudo carrega o testemunho daquilo que somos, as nossas amizades e os nossos ódios, o nosso olhar e o estreitar da nossa mão, a nossa memória e o nosso esquecimento, os nossos livros e os traços da nossa pena?” (NIETZSCHE, SE, 1). Não estamos sós nesse campo de constituição, mas imersos no mundo, com os nossos encontros, buscando e tentando assumir a tarefa de fazer o próprio caminho, o que efetivamente não é fácil, pois não existe caminho antes do esforço que cada um pode oferecer a si mesmo, e tal caminho não é conhecido antes que se experimente a jornada daquele que se vive, sendo sempre um percurso obscuro, mas possível de ter presença, frágil, quando não se tem medo dos ferimentos e das mortes. Nietzsche fala de uma tipologia que não busca a essência de si, o que seja verdadeiro, ou um fundo fixo, antes, uma formação acima de si, uma espécie de planta que cresce, que se supera e se transfigura.

A figura do *Viajante*, que surge na obra *Schopenhauer como Educador*, é aquele corpo errante que, na esteira da leitura de Espinosa (2021), seria um corpo que não sabe o que pode, mas que não deixa de atravessar o mundo, de fazer parte dele, de se construir junto, sendo um entre os outros, mas que não é nenhum deles, pois conserva de algum modo um certo *pathos* de *distância*<sup>2</sup>. Assim, a imagem do *Viajante*, como o experimentador, pode também fazer um exercício de contemplação a partir do exterior, o que pode fazê-lo desviar do negativo para então selecionar seus encontros na tentativa de compor com outros encontros, dispersando-se da preguiça, da covardia, do rebanho, da massa acinzentada, para proliferar suas multiplicidades ou mesmo o engendramento de um corpo nômade, aquele que se faz com a matilha, com o povo, com o heterogêneo.

O que Nietzsche nos permite perspectivar com essa imagem é que o homem é um vivente único, singular, mostrando o trabalho que este precisa ter para se dispor na construção de uma subjetividade que promove o embate de forças e de comandos com os agrupamentos e seus processos de singularização. Isso é colocado na luta, nas relações de saber - poder, de

<sup>2</sup> Inspirado pela leitura de Nietzsche, o termo tem ligações com o vivido ou com a vivência, não sendo um conceito que deva ser sistematizado pela razão. Nunca se tem consciência efetiva daquilo que nos acontece ou que atravessa um corpo. O termo se afasta da ideia de intencionalidade.



verdade e de aparência, de valores e de avaliações, de alegrias e tristezas. Assim, a imagem do *Viajante* vem para barrar o que seja naturalizado, para então criar a diferença daquilo que se é, e o que não se deixa de ser, porque se está em estranheza, porque não se sabe, não se conhece. É possível mergulhar nessas águas sem culpa, a vida se difere, pois viver, aprender, não é um regressar ou progredir, mas uma questão de percorrer o meio e ser afetado pelo mundo num campo experimental, o Viajante, faz habitação nômade, sugere um território movente e criativo.

O *Viajante* é a figura tipológica do homem livre que aparece, posteriormente, na obra *Humano Demasiadamente, Humano*. Contudo, essa tipologia não encarna o homem em si, nem a formação em si, mas esse que se abre para o aprender (passando pelo trabalho do pensamento, e também pelo corpo afetado), encarnando suas experiências vitais em alerta para a distância do mundo esvaziado e massificado, pois este degrada o corpo e a vida. Podemos inferir que essa aparição do aprender tem ligações com o corpo, com suas vivências, e, ressalta-se, não é meramente uma questão de experiência com o pensamento deslocado do mundo, das percepções, das sensações, é uma experiência que se faz na imanência, nas intensidades do vivido, portanto há uma espécie de experiência estética, de um corpo que se abre para sensações terrenas, para a cultura, para a vida, para o outro, e busca aprender com tudo isso. Um aprender que é exigente, selecionador, corajoso, pois requerer enfrentar a bestialidade tão presente no cotidiano, inclusive, no próprio pensamento.

### III

A imagem do *Viajante* lembra o horizonte aberto convertendo-se para uma outra tipologia esgarçada naquilo que chama, como o tornar-se o que se é, o espírito da criança, que Nietzsche pontua nas *três transmutações do Espírito*, em *Assim Falou Zaratustra*. A criança é a diferença pura, portanto, aqui é possível dizer que o aprender está ao lado da Arte (como experiência corporal), onde o criador é cada um de nós, escultores, pintores e poetas do menor cotidiano, sim, é possível pensar a ideia de aprender pelo campo menor, entendido não enquanto quantidade, mas remete a noção de qualidade, de singularidade, condições individuais de uma vida, um afastamento de um aprender massificado, gregário, universal. Interessante notar que o que se chama de vivência é aquilo que Viesenteiner (2013) capturou muito bem nos textos



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

de Nietzsche (2013), “*Erlebnis* é a condição para tornar-se ..., pois tudo o que ocorre ao homem, ocorre exclusivamente através de uma travessia, um percurso, uma trajetória aventureira em condições sempre diferentes – uma vivência-, sem que possamos determinar, contudo, o que o homem deve efetivamente vivenciar, a fim de se tornar o que se é. Vivência não é propriamente um conceito, mas sim um contra-conceito à razão e, como tal, é interpretada por nós como um *pathos*...”, (2013, p. 13), sendo assim, a noção não pode ser sistematizada, mas que pode ser experimentada, sentida e vivida na sua força acontecimental. Podemos dizer que a experiência de formação liga o aprender ao corpo e infere a presença da imanência quando se põe em abertura com a vida e com o *pathos*.

Nietzsche não tem intenção de mostrar esquemas sobre o aprender, sobre a educação, sobre a formação, pois desvia sua filosofia por percursos imprecisos, o *pathos* da vida não pode ser avaliado, há uma defesa do vivido percorrido por sua precariedade, por um não saber, por uma razão não esclarecida, mas não sem uma maneira de pensar, obviamente, ou mesmo de sentir. Então, o aprender se esgarça e é atravessado por aquilo que ele pontua como o tornar-te o que tu és, havendo nesse processo um gesto de incerteza, o que nos faz retomar a máxima Pindárica para dizer que o emblema do aprender a partir de Nietzsche, nesta perspectiva, perpassa pela singularidade que não tem uma substancialidade, mas que perfaz um modo de existência, cuja temporalidade rodopia pela duração/movimento sem linearidade, pois não visa a progressividade, mas devires, encontros com as forças e embates com o mundo, nos quais os acontecimentos não são vistos por sequências, onde um evento pode melhorar o evento seguinte.

Nessa perspectiva, o aprender se mostra sem uma consciência prévia, determinada, seu plano de composição é a vivência em ato, ao menos quando se trata dessa perspectiva do tornar-se o que se é, uma disposição, sem que se tenha uma fórmula ou modelo a ser seguido. É claro, o que se chama de aprender em Nietzsche se enrola em outros termos usados pelo pensador, como formação (cultural e institucional), mas também experimentação (termo que pode ser observado em Zarathustra), ao menos é o que se deseja defender, podendo assumir percursos diferenciados.

Assim, o que seria a máxima Pindárica na pena de Nietzsche, *Como se tornar o que se é*, é para repetir, repetir, repetir, até que rasgue a diferença. Outra vez, outra vez, novamente, aparecem várias vezes como coisas diversas, multiplicidades, saltos de singularidades,



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

variações contínuas. O imperativo pode ser lido: “Transforma-te”, “Forma-te para o que tu és”, “Converte-te no que tu és”, “Como se chegar a ser o que se é”. A frase aparece pela primeira vez em epígrafe nas anotações de Nietzsche, num trabalho sobre Teognis; depois na *Terceira intempestiva* (1999); com modulações retorna no parágrafo 263 de *Humano, Demasiadamente Humano* (2000, 2008), e nos parágrafos 270 e 335, da *Gaia Ciência* (1970); outra vez em *O Convalescente*, além de surgir também em *A oferenda do mel* e em *Assim Falou Zarathustra* (2002); depois em cartas enviadas para colegas que, variadas, dobradas e ampliadas, reconduzem ao título de sua obra *Ecce Homo* (1995), no parágrafo 9, *Por que sou tão inteligente*. Sendo assim, podemos observar o imperativo ser multiplicado de várias maneiras ao longo de suas obras. Importante salientar que a reescrita vai sendo composta e recomposta por Nietzsche, como alguém que escutou e sentiu fundo o que dela emana, havendo uma experiência, um aprender com ou a partir de alguma coisa. A máxima *Pindárica* parece funcionar como uma espécie de taça demasiadamente transbordante, tal como aparece no prólogo de *Assim Falou Zarathustra*, que posta em sua simplicidade e exuberância, ramifica ou faz disparar, dispersa ou faz persistir, abre ou faz fechar, contamina o fora até chegar ou faz uma explosão a partir de si mesma como se alguma coisa em seu interior dissesse: “só se aprende quando se transborda” ou “é pela exuberância e não pela falta que é possível atravessar alguma coisa da ordem do aprender”.

Nietzsche compreende que essa tipologia não se justifica e nem mesmo se presentifica nas instituições de ensino da Alemanha moderna, no entanto, isso nos aponta a importância de se fazer agora uma leitura técnica das instituições educativas, pois elas estão em crise. Não há educadores para formar homens para ser senhor de si, não há o interesse daqueles que decidem educar sujeitos para o cultivo de si, para que o homem seja altivo, livre, criador.

Nietzsche fala da emergência da aparição do tipo nobre, como aquele que pode encontrar certas forças a partir de seu gênio, que possa enfrentar a pobreza imposta. É como se Nietzsche forçasse a não se desistir da Cultura, como se no interior da domesticação se pudesse atentar para o esforço que se tem de adestrar certos comandos para a inscrição de um outro aprendizado e a emergência de uma tipologia nobre.



#### IV

Na sua obra *Aurora*, Nietzsche pontua a questão do aprender por meio daquilo que ele chama de eticidade dos costumes, remetendo à ideia de que a aprendizagem tem ligações efetivas com todos os meios atrozos que servem para adestrar o homem (cultura), mesmo compreendendo em outro movimento a cultura como autêntico trabalho sobre si mesmo (formação), agindo sobre as forças reativas, podendo nascer o indivíduo nobre, liberado da moralidade dos costumes. Assim, as primeiras impressões da proto-história do homem são os mecanismos de violências, que dão, ao mesmo, a capacidade de prometer, construindo com isso não só um problema de comunidade, mas a gestação de uma psique individual, uma memória que emerge pelo terror, pelo medo, pelo castigo, e na formação de um quase apagamento da faculdade do esquecimento, essa como força ativa, positiva, graças a qual pode favorecer a jovialidade, sendo que seu sentimento era válido para o instante.

A eticidade dos costumes faz nascer uma consciência e com ela um tipo de conhecimento fundido a partir da dor, do sangue derramado, em meio a um corpo marcado pela memória do medo. Os meios que estabelecem o processo formativo do homem liga-o a esse sujeito que pode fazer promessa, questão posteriormente desenvolvida em sua obra *A Genealogia da Moral* com maior vigor.

De certa forma, podemos dizer que Nietzsche destaca as linhas da formação tanto da comunidade, como da formação da consciência, tendo como pano fundador a memória da vontade e da responsabilidade. Para tanto, a tirania e a violência fazem o homem confiável. Podemos notar o tema do aprender neste esboço da cultura, é agenciado pelo traço duro e cruel que faz a comunidade e o sujeito individual, ao mesmo tempo em que se entrelaça a um conhecimento que vai tatuando o corpo do homem a partir de um embate de forças, oscilando, fazendo ora aparecer a figura de homem adaptado e massificado, imerso às forças reativas, controlado pelos poderes gregários, ora essas forças podem ser agitadas e superadas para a eminência de um tipo senhor de si mesmo, o que nos inspira a pensar que não se pode confundir os *meios* com os *produtos* da cultura.

Esse tipo de conhecimento que se inscreve no corpo do homem imprime um aprender que, de algum modo, se reveste de uma revolta contra a vida, tema de maior preocupação no pensamento de Nietzsche, pois esse conhecimento passa pela negação da vida e não pelo campo



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

afirmador, criador, construtor de valores. Paradoxalmente, a cultura pode tornar o homem manso, mas também no seu seio pode emergir um homem forte, senhor de si, esse conflito atravessa o pensamento de Nietzsche.

V

Por outra mirada e por seu estilo não dual, mas paradoxal, em *Crepúsculo dos ídolos*, ele diz: “tem-se de aprender a ver, tem-se de aprender a pensar, tem-se de aprender a falar e a escrever: o alvo das três é uma cultura nobre” (CI, 6). Nesse livro, é possível notar a sua leitura para uma formação cultivada, mas também para uma perspectiva da formação prática, ele sugere que se reúnam forças disciplinares sobre si mesmo, passando pelo corpo, pelos sentidos, pela linguagem, por modular as percepções, exercitar a visão, exercitar o uso do pensamento na proteção dos juízos, modular os estímulos para não se cometer ações apressadas, ter a capacidade de conter os instintos, aprender a escrever, a dominar os sentidos, a escutar as palavras, domar a linguagem para fazer as palavras dançarem e poder escrever com leveza, sem palavras de ordens, sem uma escrita culpabilizada ou riscada pelo ressentimento moral, antes, o corpo precisa passar por reparações até que se encontre o estilo, e aí seja possível dançar, por isso tem que se aprender a olhar, ter mil olhos, habituar o olho lento, saber desviar o olhar, saber deixar que certos olhares não interrompam os próprios olhos, todo esse aprender corporal, aprender pelos sentidos. Disciplinar é para ter a capacidade de controlar os instintos e saber cultivar um certo *pathos de distância*, somente neste exercício do aprender com o corpo/sentidos e com o pensamento é que se pode enfrentar as próprias fraquezas, mas Nietzsche observa que essas preocupações genuínas não são projetos das escolas alemães, nelas faltam educadores com esse espírito, tal imagem, apresentar *o caso institucional educativo* com um olhar ampliado para que se entenda que esse tipo de formação não entra no interior das instituições de ensino, não se aprender por essas vias.

Essa figura do aprender, que salta da educação escolar, não passa pelo controle do aprendizado, mas muito mais por um corpo intensivo, sensível as suas vivências, um corpo em alerta, na espreita daquilo que se passa. Por isso, não se pode impor uma garantia para o sucesso ou para o fracasso. O mais importante é a disposição para se tornar senhor de si, mais do que um corpo vagante na massa gregária. Assim, *Crepúsculo dos Ídolos*, sobre o título: *O que falta*



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

aos alemães, remete a uma convergência sobre o aprender, ligando-o a ideia de uma tipologia que governe os instintos, que se retire da pressa e dos julgamentos, que se conserve uma certa lentidão para gerar um outro povo. Nietzsche novamente constata que essa tipologia não pode nascer pela condução dos educadores. Ao mesmo tempo que nos permite olhar para as figuras do viajante, do homem nobre, do espírito livre, do além homem, ou aquele tornar-se o que se é, como o esforço de um aprender que possa também passar pelo conhecimento do pavoroso, daquilo que seja vulgar, gregário, ou do homem da felicidade imediata, convoca uma imagem do aprender por vias de uma experiência com o corpo, com a vida, com os encontros, com as sensações, corpo afetado pelos signos do mundo e da vida, o que as instituições de ensino não têm como preocupação, quando as mesmas desejam formar bons cidadãos.

Nietzsche nos oferece em *Crepúsculo dos Ídolos* uma espécie de teoria do aprender, mesmo que a palavra possa parecer complicada para aqueles que estudam o pensador. No entanto, é possível afirmar que as preocupações de Nietzsche sobre a formação (*Bildung*), sobre a Cultura (*Kultur*), sobre os estabelecimentos de formação, sobre o aprender, nunca foram algo apenas conceitual, pois havia uma preocupação efetivamente prática, sem que se deixe pensar em termos de devir.

Nietzsche compreende que os processos imanentes são atravessados por suas virtualidades e atualizações, mesmo que possam ocorrer em certos sentidos componentes dogmáticos e objetivos. Em todo caso, em *Crepúsculo dos ídolos*, ele constata que a educação perdeu a finalidade, precisando de educadores e não de professores, e muito menos de eruditos (CI, 5) para o esforço deste exercício.

Nietzsche retoma em *Crepúsculo dos Ídolos* o que nunca fora esquecido em sua filosofia desde de suas preocupações juvenis, voltando a falar da precariedade da formação, da pressa indecente, da democratização da cultura e da formação, elementos que minguam tudo o que possa ser superior, em prol do cidadão profissionalizado e competente. Por isso, ele retoma a defesa de um aprender a ver, a falar, a escrever, a pensar, arrastando o aprender para uma espiritualidade, uma interioridade, uma intensidade de forças singulares ao contrário do mundo da pressa, da artificialidade, do imediato, da felicidade artificializada. O que Nietzsche quer defender por essas linhas do aprender? A quietude, o saber aguardar, o não ter pressa, o proteger o juízo, o circundar o caso, o ter paciência, o buscar os diferentes lados, o não reagir a um estímulo, o saber acolher e desviar em certos casos os instintos, o atentar para os instintos que



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

entramos, o não querer desviar o olhar, o suspender decisão, o conter o vício, “na medida em que nos tornamos esse que aprende, nos tornamos em geral lentos, desconfiados, resistentes. Deixa-se advir todo um tipo de coisa estranha e nova com uma quietude hostil, se retirará a mão daí” (CI, 6). Nietzsche faz um convite à singularidade, a coragem para tomar a si mesmo, a ousar a enfrentar a si mesmo diante de um mundo que valoriza o rebanho.

E sobre esse tipo de aprender, a escola perdeu o caminho, pois não se pratica, não há nenhuma remota técnica que se faça uso, um plano de estudo ou de recurso pedagógico. O pensar deve ser aprendido, tal como uma dança, para se poder dançar com os conceitos, com a filosofia, com as palavras, e isso falta aos estabelecimentos de formação, o que precariza os estabelecimentos de ensino, que se convertem em estabelecimentos profissionalizantes. Assim, a tipologia da singularidade, desenhada pela imagem do homem lento, desconfiado, alerta e atento, é ainda um por vir, mas isso tem muito a dizer sobre o nosso presente, o que faz de Nietzsche um clássico.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

## *Bibliografía*

MARTON, Scarlet.; 2022. **Educar os educadores: Nietzsche e o problema da educação.**

Cadernos Nietzsche, n;43, 3, Ste/nov. São Paulo.

NIETZSCHE, Friedrich.; 2002. **Así habló Zaratustra: Un libro para todos y para nadie.**

Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial.

\_\_\_\_.; 2004. **Aurora.** Trad. e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_.;1998. **La genealogía de la moral: un escrito polémico.** Intr., trad. e notas: Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza.

\_\_\_\_.;1970. **La Gaya ciência.** Trad. E prólogo: Charo Crego e Ger Groot. Madrid: Ákal.

\_\_\_\_.; 2000. **Humano, demasiado humano:** Um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_.;1986. **Más allá del bien y del mal: preludio de una filosofía del futuro.** Intr., trad. e notas: Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza.

\_\_\_\_.;1998. **Crepúsculo de los ídolos: o cómo se filosofa con el martillo.** Intr., trad. e notas: Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza.

\_\_\_\_.;2003. **Schopenhauer como educador.** In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo Escritos sobre educação. Trad., apres. e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC/Loyola.

\_\_\_\_.;1995. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que é.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_.;2001. **A gaia ciência.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_.; 2003. **Sobre o Futuro de nossos estabelecimentos de Formação.** In: Escritos sobre Educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; São Paulo: Loyola.

VIESENTEINER, Jorge Luiz., 2013. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é.**

Campinas; São Paulo: Editora Phi.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

SPINOZA, Benedictus. **Ética**.;2021. Tradução grupo espinosanos, coordenação Marilena  
Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.